Dia 25 — Santa Febrônia, Virgem e Mártir

Durante a perseguição de Diocleciano, e pelo fim do terceiro século, uma certa donzelinha cristã fez triunfar a fé no meio dos tormentos, convertendo o mesmo tirano e confundindo o paganismo.

Havia em Sibapolis, na Síria, um célebre mosteiro de monjas, cuja virtude, cujo retiro e cuja vida penitente era admiração e assombro até dos próprios gentios. Contavam-se nele mais de cinquenta religiosas, ocupadas unicamente em meditar as misericórdias do Senhor e em cantar dia e noite seus louvores. Chamava-se Brienas a superiora, senhora de grande distinção, mas mais respeitável por sua venerável ancianidade, por sua prudência e por sua virtude que por seu ilustre nascimento. Tinha consigo uma sobrinha, por nome Febrônia, a quem desde a idade de três anos havia criado no mosteiro; e era de dezenove então. Sobressaía entre todas não menos por sua discrição que por sua formosura; sendo esta tão peregrina que se duvidava com razão se haveria outra maior no mundo, dando-lhe muito realce seu virginal pudor e sua inocência. A tia, que estimava este tesouro sobre todos os da terra, pôs o maior cuidado em tê-lo bem escondido, pois em mais de dezessete anos a ninguém o deixou ver.

Febrônia, que desde sua meninice havia tomado a generosa resolução de não admitir outro esposo que Jesus Cristo, a quem pelos votos religiosos havia consagrado solenemente sua virgindade, aborrecia tanto a formosura de seu corpo quanto a admiravam as demais, e não poupava meio algum para estragá-la e até para destruí-la, chegando a tocar a raia de excessivas suas mortificações e suas penitências. Jejuava regularmente a maior parte do ano, e até a mesma comida era novo exercício de mortificação, porque se reduzia a legumes e raízes com um pouco de pão e água, passando algumas vezes dois dias inteiros sem comer. Dormia no duro chão ou numa estreita e bronca tarimba, sem mais roupa que a que trazia às costas; mas, longe de que esta penitente e rigorosa vida descompusesse sua formosura, cada dia adquiria novos graus, e quanto mais se mortificava, mais bela e mais perfeita parecia.

Não era fácil que deixasse de transpirar para fora, apesar do véu e da retirada profissão, a notícia de uma mulher tão peregrina. Sabia-se que havia no convento uma religiosa de extremada beleza e de virtude ainda muito mais singular. Praticaram-se mil ardis para vê-la e falar-lhe; mas não foi possível consegui-lo, porque jamais se quis deixar ver de pessoa alguma de fora, nem sequer de seus próprios parentes.

Entre outras, uma senhora viúva, moça e muito ilustre, chamada Hiéria, que ainda era catecúmena, teve tanta ânsia de conhecê-la e de falar-lhe que fez extraordinárias diligências para consegui-lo; e, como nada pudesse alcançar da superiora nem com suas razões, nem com seus rogos, nem com suas lágrimas, arrojou-se a seus pés, protestando que não se levantaria deles nem

se apartaria daquele sítio até lograr o consolo de haver visto Febrônia. Compadecida a superiora de suas lágrimas e de sua piedosa aflição, consentiu em dar-lhe gosto; mas, como sabia bem a resolução de sua sobrinha de não ver jamais pessoa secular, nem de um nem de outro sexo, disse-lhe que não seria possível vencê-la enquanto estivesse naquele traje e que assim seria preciso que se vestisse de religiosa, com o que ela a introduziria no convento como monja forasteira. Saiu bem o artifício; recebeu-a Febrônia com grandes demonstrações de amor e caridade; deu-se-lhe ordem para que a acompanhasse, a cortejasse e lhe desse conversação; fê-lo ela tão notável e tão elevadamente, falou-lhe da ventura do estado religioso com tanta moção e eficácia que, quando Hiéria só pensava até então em passar a segundas núpcias, desde aquele ponto não pensou mais que em receber quanto antes o batismo e em retirar-se do mundo, convertendo depois ela mesma toda a sua família à fé de Jesus Cristo.

A esta conquista seguiu-se pouco tempo depois outra vitória muito mais ilustre. Achava-se enferma Febrônia quando chegou a notícia de que o prefeito Lisímaco e seu tio Seleno vinham a Sibapolis com ordens terríveis dos imperadores para exterminar todos os cristãos. Anunciavam esta tempestade a alegria e o triunfo dos gentios, como também os cadafalsos que se levantavam nas praças públicas. Com esta notícia encheram-se os fiéis de consternação. Eclesiásticos, religiosos, seculares e até o mesmo bispo, todos fugiam, e cada um se ocultava onde podia. Mas foi maior a turbação entre as religiosas; e, ocupadas de terror à vista do que se contava da desumanidade dos tiranos, estavam indizivelmente aflitas todas aquelas santas virgens. Conhecendo o bispo o perigo a que se expunham se ficassem no mosteiro, deu-lhes licença para que saíssem dele e se pusessem em segurança com a fuga. Era espetáculo verdadeiramente terno ver aquela numerosa comunidade em ponto de separar-se, desfazendo-se em lágrimas e sem abrigo onde recolher-se; combatendo entre dois afetos e flutuando entre o desejo de dar a vida pela fé e por conservar a virgindade e entre o natural temor que lhes causava o horror dos tormentos. A superiora, com um espírito muito superior a seu sexo e a sua idade, declarou a todas as suas filhas que tinham liberdade para retirar-se, embora ela estivesse resolvida a esperar a morte dentro de seu convento, tendo-se por muito ditosa se lograsse terminar a vida recebendo a coroa do martírio. Mas, não podendo já dissimular por mais tempo sua dor, acrescentou: «Toda a minha ânsia é saber que fará minha querida Febrônia.» «Que farei eu?», respondeu a santa donzela com uma resolução nobre, firme e generosa; «que farei eu? Manter-me aqui sob a proteção de meu doce esposo Jesus Cristo e o amparo de minha amada mãe, a santíssima Virgem Maria. Não temais, tia minha, que com a graça de meu Redentor e de meu Salvador tudo posso. Ofereci-lhe já o sacrifício de meu coração e agora lhe ofereço o de minha vida. A que maior glória nem a que maior ventura posso aspirar eu que a derramar meu sangue por meu esposo Jesus Cristo?» Enterneceu todas as monjas este discurso, pronunciado com aquela resolução e com aquele desembaraço que inspira uma virtude verdadeiramente cristã; e, embora todas quisessem seguir o exemplo de Febrônia, as mais, fazendo seu ofício a fraqueza natural, buscaram em outras partes o asilo que puderam contra o furor dos tiranos.

Era Lisímaco um jovem de vinte anos não cumpridos, filho do prefeito Antimo e sobrinho de Seleno, a quem seu pai o havia deixado muito encomendado, estando para morrer. Estimava muito o imperador Diocleciano esta família e, para dar-lhe provas de seu amor, fez a Lisímaco prefeito do Oriente, dando-lhe por associado ou por assessor a seu tio Seleno, que sabia muito bem ser inimigo cruel dos cristãos. Não assim Lisímaco, que, tendo nascido de mãe cristã, os amava e os

estimava muito. Encarregado de tão honorífica comissão, foi-lhe preciso sair à frente das tropas, cujo mando encomendou ao conde Primo, seu primo-irmão; mas com ordem de que seguisse em tudo os conselhos de seu tio Seleno. A primeira execução das ordens do imperador fez-se em Palmira, onde Seleno mandou despedaçar com inaudita crueldade grande número de cristãos. Encheu-se de horror Lisímaco à vista de tão bárbara carnificina e confessou reservadamente ao conde Primo que, como havia nascido de mãe cristã, não podia olhar sem muita dor a desumanidade com que eram tratados aqueles inocentes. Entrou Primo no ditame do prefeito e ofereceu-lhe seus bons ofícios em favor dos fiéis. Fê-lo assim; mas não bastou toda a sua boa vontade para estorvar que não se executassem neles todo gênero de suplícios. Deram notícia a Seleno os gentios de que havia um célebre mosteiro de religiosas cristãs; e logo destacou uma companhia de soldados para que se apoderasse dele. Forçaram as portas do convento; e, apresentando-se nelas a superiora, iam já degolá-la quando Santa Febrônia se arrojou aos pés daqueles bárbaros, pedindo-lhes por graça que fosse ela a primeira vítima por onde se desse princípio ao triunfo da fé de Jesus Cristo. Detiveram-se um pouco à vista daquela intrepidez; mas, quando repararam mais em tão peregrina formosura, ficaram como atônitos e suspensos. A este tempo chegou o general Primo, lançou dali todos os soldados; e, sabendo que a maior parte das religiosas se haviam escapado, não pôde conter-se sem exclamar: «Valham-me os deuses imortais! E por que não fizestes vós o mesmo?», acrescentando: «Ainda estais a tempo, crede-me: ponde-vos a coberto desta tempestade.»

Deu enquanto isso suas providências para pôr fora de todo insulto aquelas virgens e, passando a dar conta a Lisímaco do sucedido, retirando-o à parte, disse-lhe: «Encontrei no convento a que me parece que têm destinada os deuses para esposa tua; é uma donzela que em todo o seu ar mostra ser pessoa de muita qualidade; e o certo é que sua formosura, em meu conceito, é a maior de todo o mundo.» Mas Lisímaco lhe respondeu: «Ouvi dizer a minha mãe que as donzelas dos conventos eram esposas de Jesus Cristo; e assim eu me guardarei bem de aspirar a semelhante boda.» Não foi tão reservada esta conversação que não a tivesse ouvido toda um soldado, o qual partiu logo a dar o alvitre a Seleno, dizendo-lhe como o conde Primo tratava de casar seu sobrinho com uma donzela cristã de incomparável beleza. Entrou em furiosa cólera Seleno; e, como era o mais cruel inimigo que teve jamais o nome cristão, deu ordem para que no instante fosse levada Febrônia a sua presença. Foi espetáculo verdadeiramente lastimoso ver aquela terna e formosíssima donzela carregada de pesadas cadeias, como uma inocente ovelha que os lobos arrancam do meio do rebanho e a levam ao monte para despedaçá-la. Todas as religiosas desejavam segui-la para acompanhá-la no martírio; mas, declarando os soldados que só tinham ordem de levar a esta, foi-lhes preciso conformar-se e segui-la somente com as lágrimas, com os gemidos e com os mais íntimos suspiros. Sua santa tia, superior a sua dor, contentou-se com dizer-lhe ao tempo de abraçá-la: «Anda, filha minha, mostra-te esposa digna de Jesus Cristo e dá-me o consolo antes de minha morte de poder dizer que tenho uma sobrinha mártir.» Não lhe permitiu dizer mais a dor e a violência; enterneceram-se todas, e só Febrônia se mostrou alegre, serena e tranquila. Puseram-na em presença de Seleno e, logo que a viu, ficou como cortado e mudo; mas, voltando a si, deu princípio ao interrogatório, perguntando-lhe quem era e se era escrava ou livre. «Sou escrava», respondeu a santa. «E de quem?», replicou o tirano. «De meu Senhor Jesus Cristo, respondeu Febrônia, meu Salvador e meu Deus, a quem me consagrei desde o berço.» «Lástima é, repôs Seleno, que tão logo te deixasses infatuar dessa vil seita; conhece já teu desacerto e abre os olhos a tua ventura; os deuses a quem te mando que sacrifiques fabricarão tua fortuna»; e, mostrando-

lhe Lisímaco, acrescentou: «Quero fazer-te sobrinha minha, dando-te por esposo a este cavaleirinho moço, meu sobrinho; serás mulher de um cavaleiro romano e uma das primeiras senhoras do império. Eia, tirem-lhe essas cadeias.» A santa então, agarrando as cadeias com as duas mãos e revestindo-se de certo ar majestoso, digno de uma verdadeira esposa de Jesus Cristo: «Rogo-te, Senhor, disse-lhe, que não me tires o mais rico adorno que tive em todos os dias de minha vida. E, no que toca ao partido que me propões, estando já, como estou, consagrada ao soberano dono do universo, é ocioso convidar-me com todos os grandes nem com todos os príncipes da terra. A proposta de que adore os demônios, só o ouvi-la me causa horror. Não penses que por ser mulher e menina tenho medo a teus tormentos; sou cristã, e com isto disse tudo; quantos mais tormentos me fizeres padecer em defesa de minha religião, mais contribuirás para a glória de meu Senhor Jesus Cristo e também para meu triunfo, se me é lícito falar desta maneira.»

Aturdiu esta resposta o tirano e deixou como encantados todos os concorrentes; mas, voltando de seu assombro, mandou que no instante despedaçassem o corpo de Febrônia com aquele gênero de açoites que se chamavam chumbadas. Horrorizou os assistentes a barbaridade do juiz e a crueldade dos verdugos; mas não alterou a constância da santa. Era todo o seu virginal corpo uma só chaga, e no meio dos tormentos se a ouvia cantar incessantemente louvores ao Senhor. Pareceu a Seleno que o insultava e, crescendo seu furor, deu ordem de que a estendessem numa espécie de grelhas e que abrasassem suas chagas a fogo lento. Era espantoso o tormento e vivíssima a dor, retirando-se a maior parte até dos próprios pagãos por não ter valor para ver aquela bárbara crueldade; só a santa, com generosa intrepidez, não cessava de dar graças a seu divino Esposo pela grande mercê que lhe fazia. Esta constância fez subir de ponto a cólera e a raiva do tirano; mandou que lhe machucassem a boca, que lhe fizessem em pedaços todos os dentes e lhe arrancassem os seios. Mas, não bastando os açoites, o ferro nem o fogo para diminuir seu fervor nem para debilitar sua constância, horrorizada toda a cidade à vista da desumanidade de Seleno, no mesmo ponto em que Febrônia tinha ainda na boca o doce nome de Jesus, seu divino Esposo, foi separada a cabeça de seu virginal corpo no dia 25 de junho, pelo princípio do quarto século.

Haviam sido testemunhas Primo e Lisímaco tanto do combate como do triunfo da santa e estavam falando da magnanimidade daquela donzela e do grande poder do Deus dos cristãos quando lhes vieram dizer que Seleno, perdendo o juízo de repente e agitado de um ímpeto furioso, havia feito em pedaços a cabeça contra um pilar e havia expirado no mesmo sítio. Acudiram presurosos a seu quarto e ficaram sobressaltados de um santo horror à vista do espantoso cadáver. «Só este traço faltava, disse Lisímaco a Primo, ao triunfo de Febrônia e à glória de Jesus Cristo; anda, amado Primo meu, toma posse do corpo dessa heroína cristã; recolhe até a terra que esteja tinta de seu inestimável sangue; encerra tudo numa rica caixa; e, se se opuser algum oficial, dize-lhe resolutamente que é ordem minha.» No mesmo dia mandaram Primo e Lisímaco que cessasse a perseguição; fizeram-se ambos cristãos, e a sua conversão se seguiu a de outros muitos.

Martirológio Romano

Em Béroia, a festa de São Sosípatro, discípulo do apóstolo São Paulo.

Em Roma, Santa Lúcia, virgem e mártir, com outros vinte e dois.

Em Alexandria, São Galicano, mártir, varão consular que, depois de haver recebido as honras do triunfo e haver sido amigo do imperador Constantino, foi convertido à fé de Jesus Cristo pelos santos João e Paulo. Feito cristão, retirou-se com São Hilarino a Óstia, onde se dedicou exclusivamente à hospitalidade e assistência dos enfermos. Publicada por toda a terra a nomeada de tanto sacrifício, muitíssima gente que ia de muitas partes se admirava de ver um homem que havia sido patrício e consular lavar os pés aos pobres, pôr as mesas, servir aos enfermos apressado, prodigalizando-lhes todos os serviços caritativos imagináveis. Lançado logo dali por Juliano, o Apóstata, retirou-se a Alexandria, onde, tendo desprezado as ordens do juiz Rauciano, que pretendia compeli-lo a sacrificar aos ídolos, foi passado a cutelo, morrendo mártir de Jesus Cristo.

Em Sibapolis, na Síria, Santa Febrônia, virgem e mártir, que, durante a perseguição de Diocleciano e sob o juiz Lisímaco, foi, pela conservação da fé e da castidade, primeiro açoitada com varas, atormentada no potro, depois dilacerada com pentes de ferro e lançada ao fogo. Por último viu-se quebrar os dentes, arrancar os seios, cortar a cabeça; e, adornada com tantos padecimentos, foi-se ao tálamo nupcial de seu divino esposo.

Em Besançon, Santo Antide, bispo e mártir, que foi morto pelos vândalos pela fé de Jesus Cristo.

Em Riez, São Próspero da Aquitânia, bispo daquela cidade, ilustre por seu saber e piedade, combateu contra os pelagianos em defesa da fé católica.

Em Turim, a festa de São Máximo, bispo e confessor, célebre tanto em ciência como em santidade.

Na Holanda, Santo Adalberto, confessor, discípulo do bispo São Willibrordo.

No território de Godet, perto de Nusco, São Guilherme, confessor, pai dos eremitas de Montevergine.

Na Aquitânia, São Disênio, bispo de Saintes, conhecido em Bordéus com o nome de Dizans.

No Périgord, São Chamans, religioso de Genullac, fundador do mosteiro de seu nome.

No Limousin, São Onule, confessor.

Em Noyen, perto de Montargis, no Gâtinais, Santo Itier, bispo de Nevers.

Na Inglaterra, Santo Anfimas, confessor.

Numa ilha das Hébridas, à beira da Escócia, São Molonasco, bispo, discípulo de São Brendan.

Em Kwidzyn, diocese de Pomesânia, na Prússia, Santa Dorotéia, viúva.

Missa (oração)

A missa é da infraoitava de São João Batista, e a oração é a que se segue:

> **Latim:** *Indulgentiam nobis, quæsumus, Domine, beata Febronia, virgo et martyr, imploret, quæ tibi grata semper exstitit, et merito castitatis, et tuæ professione virtutis. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Suplicamo-vos, Senhor, que nos alcance o perdão de nossos pecados a intercessão da bem-aventurada virgem e mártir Febrônia, que tanto vos agradou, assim pelo mérito de sua castidade como pela ostentação que fez sua constância de vosso infinito poder. Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 31 dos Provérbios.

Provérbios 31,25-26.29-31

> **Latim:** 25 Fortitudo et decor indumentum ejus, et ridebit in die novissimo. 26 Os suum aperuit sapientiæ, et lex clementiæ in lingua ejus. 29 Multæ filiæ congregaverunt divitias ; tu supergressa es universas. 30 Fallax gratia, et vana est pulchritudo : mulier timens Dominum, ipsa laudabitur. 31 Date ei de fructu manuum suarum, et laudent eam in portis opera ejus.

Português: 25 A fortaleza e a fermosura he o de que ella se reveste, e ella rirá no ultimo dia. 26 Ella abrio a sua boca á sabedoria, e a lei da clemência está na sua lingua. 29 Muitas filhas ajuntárão riquezas: tu excedeste a todas. 30 A graça he enganadora, e a fermosura he vã: a mulher que teme ao Senhor essa he a que será louvada. 31 Dai-lhe do fruto das suas mãos: e as suas obras a louvem na assembléa dos juizes.

Nota

«Os Provérbios de Salomão são, sem disputa, o melhor e o mais escolhido de suas obras; são como a quinta-essência daquela divina sabedoria que recebeu de Deus e como o compêndio de toda a filosofia moral. O nome de Provérbios não se há de entender aqui na significação vulgar; pois só quer dizer neste caso sentenças, máximas, apotegmas, lições curtas e doutrinais em estilo conciso, lacônico e suculento.»

Reflexões

Fortitudo et decor indumentum ejus: está vestida de fortaleza e de formosura. Não há coisa mais superficial nem menos sólida que a formosura do corpo. É muita pobreza de entendimento e até de coração fazer vaidade dela, e muito mais fazer mérito dela; porque mais tem de imaginária que de real. Não há coisa mais dependente das extravagâncias do gosto, se não a animam o espírito e a virtude; no máximo é uma bela estátua, salvo que não tem sua duração nem sua firmeza. Basta uma febrezinha, uma enfermidade de poucos dias e até de poucas horas para murchar aquela flor passageira; e, quando faltem estas, não é mister mais que a idade para ir avultando, descompondo e desconcertando aquelas delicadas linhas em que consistia toda a formosura da bela imagem. Contudo, este é aquele ídolozinho de todas as pessoas do outro sexo. Já ao menos nos contentaríamos com que não chamassem por auxiliar a arte para suprir o que falta à natureza. Mas de que artifícios não se vale uma mulher para parecer o que não é? De que estudo para brilhar, para deslumbrar e para agradar? Se porá tanto em edificar e em parecer boa cristã? Mas quem não sabe que a formosura sem virtude é uma máscara que se gasta ou se cai? E, caindo a máscara, quem pode ver sem horror o que se escondia atrás dela? Há poucos homens de juízo que não conheçam a máscara e que não a desprezem. Não há coisa que pareça pior que a afetação de parecer bem; que mérito darão à pessoa as modas, as galas, os vestidos ricos, aquele desdém, aquele orgulho, aquela afetada fereza nas que se prezam de lindas? Só servem para que se conheça melhor quanto lhes falta e, sobretudo, sua curta capacidade e a desordem de seus costumes. A profanidade dos vestidos é uma lastimosa vaidade; mas é vaidade de moda. Que importa que a condene o espírito da religião cristã, se o espírito do mundo a aprova e a autoriza? Até nossos tempos havia sido a modéstia uma das prendas mais estimáveis numa mulher cristã; mas já parece que esta virtude se desterrou daquelas que se chamam senhoras e mulheres de distinção: *Elevatæ sunt filiæ Sion, et ambulaverunt extento collo.* As filhas de Sião, diz o Profeta (fazendo uma pintura das mulheres de nossos tempos), as filhas de Sião tomaram um belo ar, andam com muita altivez, muito levantadas de cabeça, muito de pescoço erguido, mostrando o orgulho e a presunção em todos os seus movimentos: seus gestos, suas ações, seus meneios, seu modo de olhar e seu gosto no vestir, tudo está publicando a mais ridícula e a mais lastimosa vaidade. Observa, diz o Profeta, com que afetação vão movendo os passos e estudando os meneios: *Et composito gradu.* Valha-me Deus! Quando havemos de acabar de crer que todo o mérito de uma mulher consiste na virtude? Quando havemos de convencer-nos de que seu maior, seu único e seu verdadeiro elogio lhe hão de fazer seu recato, sua modéstia, seu retiro, sua devoção e a constante aplicação aos lavores de seu sexo e ao cumprimento de suas obrigações? Brilha, é verdade, uma mulher mundana com sua profanidade, com suas galas, com sua vaidade, com sua ostentação; mas este brilho dura até a sepultura? Zomba-se com a morte, mantendo

aquele bom humor, aquele desembaraço, aquela liberdade com que em plena saúde se zombava das verdades mais terríveis da religião? Imagina um conjunto de todas as perfeições; acrescenta a ele todas as riquezas; junta a este cúmulo o séquito mais ostentoso, os mais magníficos equipamentos: tudo se acaba, tudo se desvanece na derradeira hora. Só a virtude é respeitável, só ela é a que brilha depois da morte.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 6 de São Mateus.

Mateus 6,22-23

> **Latim:** 22 Lucerna corporis tui est oculus tuus. Si oculus tuus fuerit simplex, totum corpus tuum lucidum erit. 23 Si autem oculus tuus fuerit nequam, totum corpus tuum tenebrosum erit. Si ergo lumen, quod in te est, tenebræ sunt : ipsæ tenebræ quantæ erunt ?

Português: 22 O teu olho he a luz do teu corpo. Se o teu olho for simples: todo o teu corpo será luminoso. 23 Mas se o teu olho for máo: todo o teu corpo estará em trévas. Se pois a luz, que em ti ha, são trévas: quão grandes não serão essas mesmas trévas!

Meditação

Da impureza

Primeiro ponto

Considera que não há pecado mais universal, mas tampouco o há cujas feridas sejam mais profundas nem mais mortais que o pecado da impureza. Viu-se Deus como obrigado a afogar todo o universo nas águas do dilúvio porque todo ele se havia manchado e corrompido com este pecado. Só dez justos pedia o Senhor em Sodoma para deter o fogo que havia de reduzir a cinzas todos os seus habitantes; e não se acharam em cinco grandes cidades dez só pessoas que não estivessem manchadas com esta culpa. Pergunto: está o mundo mais isento dela hoje? Reina hoje mais no mundo a virtude da pureza? Que idade se acha a coberto deste abominável pecado? Que estado, que condição, que sítio nem que deserto onde não se deva estar em vigília contra ele? É um inimigo doméstico, contra o qual sempre é mister estar com as armas na mão, porque não dá golpe, não faz ferida que não seja mortal. Todo pecado de impureza é grave; por isso nenhum

outro condena tantos homens cada dia: ela é a causa mais universal da condenação dos homens. A impureza, de ordinário, não é de qualquer maneira sinal da reprovação; em certa maneira é como princípio dela. Que trevas, que cegueira causa na alma! Que insensibilidade em tudo o que toca à religião! Que dureza no coração! Embrutece a alma, e não há coisa que mais desfigure, ainda ao homem de maior entendimento, que este pecado. Parece que apaga o espírito, que obscurece a razão, que estraga o melhor gênio, que muda o coração e que transforma todo o homem. Com efeito, o espírito mais brilhante, o mais nobre coração, o gênio mais aprazível, a alma mais racional, a mais despejada, a mais atenta, a mais culta em menos que nada bastardeia, se perverte e se entorpece pela impureza. O que se entrega a este vício logo muda de ar, de modos, de máximas, de princípios; o ânimo se afemina, perde-se a sinceridade, desvanecem-se todas as boas prendas e, sobretudo, visivelmente se vai apagando a fé, porque não há pecado mais inimigo da religião. Percorram-se todas as seitas dos hereges: nenhuma se achará que não deva a este vício seu nascimento ou ao menos seus progressos; estragado o coração pela impureza, facilmente se apodera o erro da razão. Concebe-se tanto horror à lei de Jesus Cristo que não se pode sofrer a doutrina de sua Igreja e se quereria que fosse falsa uma religião tão pura. Não há herege a quem não pareça preceito impossível o da castidade. Que horror, bom Deus, se deve ter a este pecado!

Segundo ponto

Considera que não há vício cujos efeitos sejam mais funestos, não há pecado que precipite o homem em mais profunda cegueira nem o despenhe em mais fatais desordens. O descaramento, inseparável deste vício, não tem outro princípio que a cegueira; e esta é tanta que o luxurioso nem vê a ruína de seus interesses, nem a de sua honra, nem a de sua família. Nenhuma paixão faz o homem mais escravo, mais brutal, nem há outra que mais o envileça; o homem sensual não se conhece a si mesmo e apenas se diferencia de um animal (P. Bourdaloue). Assombra verdadeiramente até que ponto chega a embrutecer este pecado; não há interesse que não despreze; não há honra que não sacrifique; não há dignidade que não profane; não há fortuna que não arrisque; não há amizade que não atropele; não há reputação que não exponha; não há ministério que não manche; não há obrigação que não posponha ao gosto de sua paixão. Que caso se pode fazer da religião de um impudico? Ou, melhor dizendo, pode um impudico ter muita religião? Não é o ateísmo o que guia à desonestidade; a desonestidade é a que precipita no ateísmo. Não há homem desordenado nesta matéria que não tenha o ânimo estragado e dissoluto, que não faça vaidade de duvidar de tudo e de não crer nada. Não se verá mulher profana e divertida que não se preze do que se chama espírito forte e de disputar sobre as verdades do cristianismo; porque à força de disputar se quereria persuadir a si mesma que não há Deus, segundo aquela bela sentença de Santo Agostinho: que somente duvidam de que o haja aqueles que verdadeiramente quereriam que não o houvesse. Nos demais pecados, o espírito de trevas nos ataca como inimigo, nos solicita como tentador, nos surpreende como enganoso; mas neste nos domina como tirano. Tantos escravos há quantos se contam rendidos a este desditado vício. E se acham muitos que voltem a recobrar sua liberdade? Que pecado mais distante, ao parecer, do arrependimento; e por conseguinte qual outro será maior sinal ou como princípio de reprovação? Com tudo isso, nenhum é mais comum; funesto princípio, fatal origem de todos os açoites com que o Senhor, justamente irritado, castiga os reinos e as famílias. Que horror se deve ter e com que vigilância se deve viver contra inimigo tão cruel e tão falaz! Que precauções se devem usar, que

desvelo, que exatidão se requer para conservar a inocência! Com que cuidado se devem fugir as mais mínimas ocasiões! Que mortificação dos sentidos! Poderá alguém viver entre o regalo, entre a ociosidade, entre os prazeres e ser casto?

Ó grande Deus da pureza! Infundi-me tanto horror a este vício que antes tudo sacrifique, antes morra mil vezes que ter a desdita de cair em tal pecado. Acovarda-me verdadeiramente minha fraqueza; mas me alenta vossa infinita misericórdia. Confio unicamente em vossa graça e espero que, aplicando todos os meios para conservar minha preciosa inocência, não permitireis que jamais manche minha alma com tão feia culpa.

Jaculatórias

> *Pepigi fœdus cum oculis meis, ut ne cogitarem quidem de virgine.* Jó 31.

Fiz pacto com meus olhos de que se haviam de abster de objetos perigosos, para livrar-me de pensamentos desonestos.

> *Aufer a me ventris concupiscentias, et concubitus concupiscentiæ ne apprehendant me.* Eclo 23.

Apartai, Senhor, de minha imaginação todo torpe pensamento.

Propósitos

1. É a impureza um horrível monstro com quem parece que o mundo se domesticou, apesar dos estragos, das feridas que abre na alma. Os laços que arma são tão ocultos e os prepara tão dissimulados que poucos desconfiam deles. Este inimigo cruel tem secretas inteligências com nosso coração; suas setas estão douradas, mas nem por isso são menos penetrantes; todas estão envenenadas e, embora seja doce o veneno, sempre é mortal; e o mais estranho é que todos os sentidos contribuem para introduzir na alma este veneno. Com verdade se pode dizer que todos eles concorrem a enganar o coração para que o pecado reine nele. Uma voz doce leva consigo o veneno; o canto, a harmonia abrandam a alma e vão dispondo-a para que se lhe pegue o contágio; os olhos são as janelas por onde entra a morte; para um coração já preparado tudo é tentação. Por isso se tem dito tantas vezes que o remédio mais eficaz contra este mal é a fuga. Até os desertos mais espantosos não são asilo seguro: que será o tumulto do mundo? Aplica todo o teu cuidado, todo o teu desvelo a ocupar e a fechar as entradas a este inimigo. Está perpetuamente alerta contra as surpresas dos sentidos; tem-nos em contínua escravidão se não queres ser escravo

deles. Foge das frequentes conversações com pessoas de diferente sexo; nelas se procura que brilhe a discrição e a graça; mas não brilha sem o fogo; e onde há fogo há fumaça. Vela sobre teus filhos e teus criados, porque os perigos são comuns a todos; não te concedas liberdade alguma desordenada, por mínima que seja. A delicadeza de consciência conserva a virtude; neste particular não te perdoes nem sequer o mais mínimo descuido, e até a sombra do pecado te deve causar temor.

2. Cuida muito de não tolerar em tua casa pinturas indecentes, livros lascivos, histórias de galanteios nem novelas. Não há coisa mais nociva que estes instrumentos de que se vale o demônio para manchar a alma, despertando nela a concupiscência. As imagens nuas que se representam nos quadros abrem mortais feridas no coração; queima hoje mesmo todas essas obras do espírito lascivo; não te escuses com que são de muito valor, a menos que as estimes mais que a tua alma. Numa casa cristã tudo há de respirar piedade. Sobretudo, tem sempre sumo horror a todo traje provocativo, a toda moda indecente, desterrando-a de tua casa e não a sofrendo em tua família. Basta que a religião a desaprove para que não a toleres tu. Nenhuma coisa prova tanto a desenfreada licença de nosso século como essas modas escandalosas. Introduzem-nas de ordinário as comediantes; e isto só devia bastar para que a olhasse com horror toda donzela cristã e de vergonha.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:49:36 by Admin
Updated 20 November 2026 20:49:36 by Admin